

# ESTABELECENDO INTERLOCUÇÕES NO PROCESSO DE AUTORIA: O DESAFIO DE ESCREVER DISSERTAÇÕES E TESES<sup>1</sup>

ESTABLISHING DIALOGUES IN THE PROSCESS OF AUTHORSHIP: THE CHALLENGER OF WRITING DISSERTATIONS AND THESES

Lucídio Bianchetti  
Universidade Federal de Santa Catarina

## Resumo

A produção textual ou o próprio processo de escrever, cada vez com mais frequência e intensidade, tem se transformado em problema central de escritos e objeto de pesquisa e reflexão. O enfrentamento compulsório com a elaboração de textos, particularmente a dissertação e a tese, por parte de mestrandos e doutorandos tem feito surgir e provocado a busca de uma maior compreensão sobre o quê é esse processo, por quê se escreve, quais caminhos cada um percorre para construir seus escritos e se há aspectos que podem ser prescritos e padronizados no que diz respeito à produção e à exposição via escrita. A reflexão e as manifestações a este respeito vêm propiciando um adensamento e uma visualização mais ampla de uma questão que parecia até há pouco dizer respeito apenas a uma pequena parcela de pessoas que, supostamente, possuíam dotes que as distinguiam do conjunto da população. Essas poucas pessoas eram mistificadas e, pelas suas manifestações ou falta delas sobre o como, o porquê e sobre o quê escreviam, acabavam por contribuir com a mistificação que as envolvia, bem com aos seus escritos. Por meio desta intervenção buscamos identificar e explicitar meios e processos que podem propiciar uma desafiadora interlocução para o processo da escrita. Buscamos assim apreender a escrita e a construção da autoria como um processo mediado e que demanda tempo e persistência.

**Palavras-chave:** Autoria. Processo de Escrita e Interlocução. Autonomia

## Abstract

The textual production or the own process of writing, every time with more frequency and intensity, has being transformed in the central problem of written and research objects and reflection. Facing compulsorily the elaboration of texts, particularly the dissertation and the thesis, concerning those who are taking their master's and doctor's degree, has made to arise and has provoked the search for a larger understanding on what this process consists, why one writes, by which ways each one goes to build his writings and if there are some aspects that can be prescribed and standardized in respect to the production and the exhibition through writing. The reflection and the manifestations to this respect has been propitiating both a concentration and a wider visualization of a subject that seemed, until recently, to be respective only to a small portion of people who, hypothetically, had these gifts that distinguished them from the group of the population. These few people were mystified and, for their manifestations, or their lack, on how, why and what they wrote, they ended for contributing with the mystification which involved them, as well as to their writings. Through this intervention, we looked for to identify and to make explicit means and processes that can propitiate a challenger dialogue to the writing process. We looked for, thus, to apprehend the writing activity and the construction of the authorship as a mediated process which demands time and persistence.

**Keywords:** Authorship. Writing Process. and Dialogue. Autonomy.

<sup>1</sup> Trabalho que compôs a Mesa-Redonda: "Condições, processos e contingências da autoria na Pós-Graduação Brasileira", realizada no decorrer do "V Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul" - ANPEdSUL, ocorrido na PUC/PR, entre 27 a 30 de abril de 2004.

“O trabalho da escrita é uma reescrita. Escrever, pois, é sempre reescrever”.

**A. Compagnon**

“Escrever é isso aí: interlocução!”

**Mario Osorio Marques**

“Não acredito em inspiração. Na dúvida, escrevo o dia todo. No caso de ela aparecer, me encontrará escrevendo”.

**Gabriel García Marques**

## 1. Explicitando a problemática

Em questão a leitura do livro *Por que escrevo?*, organizado por Brito (1999) faz com que, diante dos olhos do admirado leitor, desfilem excertos sobre a questão em análise, com manifestações de uma plêiade de poetas e escritores famosos, que acabam por contribuir com a visão de que o escrever é um ofício não afeto aos comuns mortais. O que encanta e, ao mesmo tempo, atemoriza e contribui para que pareça uma aura de escolhidos sobre esses ‘iluminados’ é o fato de frases ou parágrafos dos seus escritos serem até, abusivamente, utilizados como epígrafes repetidas *ad infinitum*, a ponto de muitos destes já não serem mais passíveis de conexão com o texto original, quando não de se duvidar sobre a autoria. Tem razão Compagnon ao afirmar: “Quando cito, extraio, mutilo, desenraizo” (1996, p. 13). Como exemplos nesta direção podem ser apontadas as frases atribuídas, respectivamente, a Pablo Neruda e Clarice Lispector: “Escrever é fácil: você começa com maiúscula e termina com ponto. No meio você coloca as idéias...”; “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”. Ora, arrancar uma frase ou parágrafo do texto completo e do contexto no qual foi produzida contribui com a fossilização da idéia de ato e não de processo, reforçando a perspectiva de que uma frase tão sábia, tão genial somente pode ser fruto de inspiração, resultado de uma mente brilhante.

A maneira como determinados escritores e cientistas descrevem o proces-

so de produção de um texto ou de uma descoberta científica acaba por contribuir para que se difunda entre o grande público a idéia de que estamos diante de escritos ou inventos que não decorreram ou resultaram de construção, passando pelas etapas do processo científico, demandando esforço, persistência. As duas situações apontadas a seguir são exemplares no sentido de desmistificar uma postura que acabou se tornando predominante:

1. Ao contrapor-se a uma perspectiva que foi e ainda persiste a respeito do processo de escrever, Umberto Eco é taxativo: “Quando o autor nos diz que trabalhou no *reptus* da inspiração, está mentindo. *Genius is twenty per cent inspiration and eighty per cent perspiration*”. E para não deixar dúvidas, exemplifica:

Não me recorde a propósito de que célebre poema de sua autoria Lamartine disse que lhe tinha nascido de um só jato, numa noite de tempestade, em um bosque. Quando morreu, foram encontrados os manuscritos com as correções e as variantes, descobrindo-se que aquele era talvez o poema mais ‘trabalhado’ de toda a literatura francesa (1985, p. 14).

Confirmando que escrever dá trabalho, Compagnon (1996, p. 34) trás um excerto de Céline:

Freqüentemente as pessoas vêm me ver e me dizem: “Parece que você escreve com muita facilidade”. Mas não! Não escrevo facilmente! Só com muita dificuldade! Além disso escrever me cansa. É preciso fazer muito finalmente, muito delicadamente. Fazem-se umas 80.000 páginas para obterem-se 800 páginas de manuscrito, em que o trabalho é apagado. Não o vemos. O leitor não deve perceber esse trabalho.

2. Ao abordar a questão das descobertas científicas, H. A. Simon, um físico norte americano, ganhador do prêmio Nobel, reafirma o primado do pro-

cesso sobre o ato:

Se tivéssemos à nossa disposição uma documentação detalhada relativa a uma das grandes descobertas científicas, acompanhando a sua evolução quotidiana, poderíamos constatar que toda descoberta científica, mesmo aquela elaborada por uma das grandes figuras da ciência, é o resultado de um processo laborioso, realizado gradualmente, como o nosso próprio pensamento quotidiano (1993, p. 226).

Há aqueles também que, frente à questão do porquê escrever, respondem de uma forma poética e irreverente, como o faz Paulo Leminski (1995, p. 80):

Escrevo. E ponto. Escrevo porque preciso, preciso porque estou tonto. Ninguém tem nada com isso. Escrevo porque amanhece e as estrelas lá no céu lembram letras no papel, quando o poema me anoitece. A aranha tece teias. O peixe beija e morde o que vê. Eu escrevo apenas. Tem que ter por quê?

De outra parte há aqueles que fazem do escrever uma arma, um meio de intervenção, uma estratégia de apreensão da complexa realidade, como Frei Betto (2002, p. 23) ao responder a este interrogante afirmando: "Escrevo [por que] só sei dizer o mundo através das palavras. Só sei apreender esse peixe sutil e indomável - o real - através da escrita".

Contudo, ao abordarmos o processo de autoria, se questionássemos os mais de seis mil doutores e em torno de 20 mil mestres que a cada ano se de(con)frontam com suas bancas no final do curso de pós-graduação, mediados pela tese ou dissertação, sobre por que escrevem, muito provavelmente de um grande número deles ouviríamos que escrevem porque esta é uma exigência curricular do curso que estão fazendo! Quantos deles não diriam que no decorrer do processo da escrita tantas e tantas

vezes conviveram com "a vertigem da página branca" (COM-PAGNON, 1996, p. 27) ou a quase insuportável síndrome da folha/tela em branco ou ainda com a "sensação de haver perdido a intimidade com a palavra [escrita]", como expressa Handke (1993, p. 7)? E quantos não se somariam a Kramer (2002), reclamando da "burocratização da escrita" ou a Warde (2002a) explicitando os desconfortos, os confinamentos e os engessamentos a que estamos submetidos no desenvolvimento das pesquisas que fazemos e dos consequentes relatórios, dado seu caráter de "pesquisa administrada"?

De nossa parte, o envolvimento direto seja por meio da pesquisa (subsidiada pelo CNPq) que estamos desenvolvendo junto a coordenadores e orientadores de Programas de Pós-graduação, seja do ensino ou da administração da/na pós-graduação, nos propicia condições de afirmar que a respeito do porquê escrevem, os pós-graduandos nos dariam respostas pouco glamorosas, muito diferentes dos poetas e dos escritores que estão livres das amarras burocrático-institucionais. Escrever a dissertação ou a tese, sem dúvida, é o ponto fulcral da vida de qualquer mestrando ou doutorando. E não apenas da sua vida universitária. O desafio da autoria extrapola o âmbito acadêmico, adentrando a outras instâncias da vida do pós-graduando como um todo. A insegurança, o medo da exposição, o desconforto da vulnerabilidade são sentimentos que não se restringem apenas ao espaço-tempo da pós-graduação. Assim como todo ritual de passagem - nos ensinam os antropólogos - tem suas etapas, seus pontos marcantes que estabelecerão precisamente o antes e o depois dos iniciados, o escrever/apresentar/defender a tese/dissertação é o item nodal, o grande teste, o ponto de culminância da vida do estudante-presente-futuro-profissional. A ampla maioria dos pós-graduandos, com graus diferentes de *stress*, ultrapassa essa barreira. Um percentual nada desprezível sucumbe. Os argumentos são diversos, mas, sem dúvida, o escrever e a exposição, com mais ou menos consciência por parte dos pós-graduandos, con-

correm entre os mais destacados.

Seja qual for a situação, no entanto, o processo da autoria é magistério, é pedagogia, tendo muito a ensinar a quem escreve, seja do ponto de vista pessoal, seja profissional. Concordamos com Evangelista quando, para muito além da perspectiva restritiva e redutora da avaliação, concebe o escrito do aluno como

educador que, realizado pelo autor, é também ele mesmo. Sendo produzido pelo escritor, produz o escritor e o escrito (...). O texto revela-se como fruto de uma particular pedagogia, oriunda de uma íntima, profunda e fecunda conversão entre produtor e produto, em que o segundo provoca o primeiro a rever, repor, repensar, refazer (...). À medida que é escrito, diz e indica os limites que contém. Tendo vida própria, dá ao autor a dimensão das ausências. O autor, por seu turno, dá-se conta das faltas e do "por fazer", precisamente alertado pelas recorrentes leituras que realiza do "já feito" (2002, p. 189).

Ocorre que, diferentemente da fala que pode ser corrigida, retomada, aprofundada, o escrito - uma vez que se distancia do escritor, necessita estar dotado das características de auto-suficiência, de auto-referência. Nem sempre o autor poderá ser consultado para esclarecer algo ou acompanhar o produto da sua autoria para socorrê-lo frente a uma incorreta ou duvidosa interpretação que possa ser feita. Em síntese, confusão mental na hora da fala pode ser resolvida com um 'explique melhor' ou 'não foi isto que eu quis dizer' ou 'você me interpretou mal'. Ao escrito este beneplácito não é concedido. Isto significa que ele tem que ser claro. Precisa bastar-se. Eis mais uma das facetas do dilema dos pós-graduandos no enfrentamento do processo da escrita.

Então, por mais trabalhoso, por mais duro, difícil que seja escrever e como esta é uma etapa do processo formativo do pós-graduando, a pouco nos levará à questão relacionada ao porquê eles es-

crevem uma vez que este porquê sequer lhe é endereçado. Ao ingressar no curso ele sabe e aceita, explícita ou tacitamente, que escrever faz parte do pacote. Isto significa que, para muito além dessa questão, abrem-se espaços para avançarmos para outras dimensões, particularmente ao como desencadear, desenvolver e auferir os maiores benefícios do processo de autoria. E é isto que nos propomos a abordar sumariamente nas próximas páginas, ao explicitarmos uma série de interlocutores com os quais os mestrandos e doutorandos podem e devem estabelecer interlocuções. E assim procedendo poderão vir a compreender o que significa o exercício da passagem da autoria solitária para a solidária, bem como a dimensão da escrita como reescrita.

## 2. Os interlocutores no processo de escrever

Abordaremos a seguir nove meios ou estratégias dos/com os quais os pós-graduandos podem se valer para construir menos dolorosamente seus trabalhos escritos ou percorrer com menos percalços a trajetória cujo ponto de culminância é a apresentação/defesa pública da sua dissertação ou tese. E, diga-se de passagem que, dadas as condições atuais que envolvem as exigências de carreira endereçadas a quem é ou pretende ser pesquisador, a fase de defesa já não é mais o ponto de chegada que se constituía até há pouco. Agora o ritual de passagem já agregou mais um ingrediente: publicar o livro ou artigos em revistas científicas, resultantes da tese ou dissertação (DE MEIS et al, 2003). O "publique ou morra", com todas as suas decorrências de competição, *stress* e *burnout* está se instituindo de uma forma muito preocupante nas universidades brasileiras, dando contornos tardios, mas nem por isso menos deletérios, ao "*publish or perish*" dos *campi* norte americanos das décadas de 50 e 60 do século XX.

Faremos referência, na condição de interlocutores, aos seguintes meios ou estratégias: Internet; Dicionários (etimologia, sinônimos, antônimos e temáticos);

Enciclopédias (átomos e *bits*); Manuais (‘caminhos suaves’); Revistas científicas (da área e afins); Comentadores de clássicos e os próprios clássicos; Os pares (especialistas ou ouvintes empáticos) e a folha/tela em branco. Evidentemente esta não é uma ordem ou seqüência rígida. Envolve-a um misto de arbitrariedade e de necessidade de seguir os passos da construção do conhecimento, avançando do mais simples para o mais complexo, do mais geral para o específico, da horizontalidade para a verticalização, sem nunca perder de vista a dialeticidade desse processo. Ressaltamos, por fim, que os limites relacionados ao número de páginas e ao tempo de exposição, obrigam a que se apresente um texto de caráter esquemático.

## 2.1 - A Internet

Uma série de fatores estão fazendo com que a utilização da rede já não esteja mais no campo das opções de mestrandos e doutorandos: situa-se no universo da compulsoriedade. Instituída, transformou-se em meio instituinte. Dentre uma gama de fatores, com certeza a drástica - e nem sempre analisada de maneira criticada - redução do tempo para concluir o curso de pós-graduação está transformando a rede em um poderoso e indispensável interlocutor. A conexão, o acesso diretamente da casa ou do setor de trabalho do pesquisador a uma série de portais, bancos e bases de dados tem se constituído no meio por excelência de economia de tempo e disponibilização de dados em escala exponencial. Ao mesmo tempo, concretizando o já tão comentado redimensionamento das categorias de espaço e tempo, uma série de facilidades de contatos entre interlocutores em qualquer parte do mundo a qualquer hora do dia ou da noite, tem propiciado uma série de vantagens em termos de troca de documentos, idéias e orientações virtuais (CHASSOT, 2002), aspectos decisivos para o desencadeamento e andamento de pesquisas, bem como de acompanhamento e conclusão de dissertações e teses.

É evidente que ao apontar para aspectos positivos não estamos deixando de ter presente os imensos e ainda, em muitos aspectos, intransponíveis limites que se interpõem entre o potencial desse interlocutor e a situação concreta, particularmente dos povos que constituem os países do Terceiro Mundo. Conforme dados da CEPAL (2000), a América Latina comporta apenas 3,5% das conexões mundiais à rede e os países da África e Oriente Médio 1,5%, contra 45% nos EUA e Canadá, 27% Europa, 23% na Ásia Pacífico, evidenciando que a exclusão que já estava instaurada anteriormente não só se manteve, como vem se aprofundando e, justamente no momento em que a possibilidade técnica de superação das desigualdades já está posta, ficando na dependência apenas de decisões no sentido de que a inclusão é uma conquista da humanidade e que deve ser desfrutada por todos. É bom que se tenha presente que a tão alardeada ‘sociedade da informação’ somente se concretizará quando todos puderem estabelecer conexões e interlocuções com tudo e com todos e que informação não pode ser confundida com conhecimento, uma vez que aquela pode ser acessada e desfrutada por transmissão e de forma pontual como um ato, o conhecimento é processo e tem a ver com construção.

Além desta questão do potencial e do limite, do ponto de vista técnico-político, avoluma-se a problemática do uso e dos aspectos éticos e morais da apropriação, do recorte-colagem e de tudo o que acompanha as inovações, seja do ponto de vista dos exageros dos apologistas das novidades, seja das posturas extremas daqueles que atribuem somente problemas ou todos os problemas aos novos suportes e meios informacionais. Fugindo dessas estéreis e esterilizadoras polarizações, nos posicionamos no sentido de que a Internet veio para ficar. Ela é um meio propiciador de interlocuções e a ampliação dos seus benefícios bem como a redução dos seus limites está relacionada ao acesso e uso que dela se faz e não da sua condição de suposta variável independente. Assim como outras inovações que pontilham a história

da humanidade, a Internet não está sendo instaurada para substituir ou anular as outras criações humanas, mas para somar, para potencializar. Os estudos sobre educação à distância estão cada vez mais confirmando a importância de um meio termo entre o à distância e o presencial. De outra parte, as pesquisas estão mostrando as virtudes do mix entre as orientações ou as relações entre orientadores e orientandos face-a-face e as virtuais. Enfim é de esperar-se que um meio, uma estratégia se some a outros/as e não os/as anule.

Para concluir este item adiantamos que praticamente todos os subseqüentes, embora se possa ter acesso a eles isoladamente e em forma de átomos, gradativamente estão ou estarão disponibilizados na rede ou em CD-Rom. Este aspecto, de caráter econômico - em termos de tempo e dinheiro - sem dúvida, é mais um meio de facilitação da vida do pesquisador.

## 2.2 - Dicionários (etimológicos, sinônimos, antônimos e temáticos)

Uma fonte bibliográfica imprescindível para quem está escrevendo sua *prima* obra ou, pretensiosamente, sua obra *prima*, é o livro *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*, de Mario O. Marques. Em uma inversão que não é meramente formal, o autor afirma o escrever como princípio da pesquisa, argumentando que ao escrever o pesquisador se dá conta do que lhe falta e é mobilizado a buscar interlocuções com outros autores, com a empiria, com colegas, inaugurando assim uma trajetória diferente da prescrita, segundo a qual o primado estaria com a pesquisa. Para esse autor, esse escrever que provoca o processo pesquisante, não pode ser feito "sem suporte histórico da gramática e do dicionário", pois sem estes "não se escreve de forma a ser entendido" (2003, p. 17).

Buscando ampliar um pouco o entendimento desta questão, queremos enfatizar que concebemos o dicionário como um interlocutor imprescindível,

uma vez que, além de nos ajudar a escrever corretamente - para cuja consecução podemos contar com inúmeros outros interlocutores - ele nos propicia a compreensão nas dimensões *lato* e *stricto* de palavras e expressões, bem como nos sentidos sinonímico, etimológico e antonímico, aspectos fundamentais para apreender circunstanciadamente o significado de palavras e expressões, bem como de questões fundantes referentes a uma teoria, doutrina ou à contribuição de um autor. Palavras, expressões ou palavras-chave que compõem o assunto/título/tema da pesquisa precisam ser submetidas a uma investigação rigorosa nos sentidos e nas dimensões acima apontadas. É esta compreensão primeira que permitirá ou propiciará chaves de busca que abrirão portas para avançar na investigação.

A título de exemplo, caso alguém esteja pesquisando alguma dimensão da adolescência será de muita valia saber que, diferentemente de qualquer outra fase da vida de uma pessoa, esta não é uma fase auto-referente. Ela é definida não por si mesma, mas tendo a fase antecedente e a que sucede como demarcações. No Dicionário *Aurélio* encontramos que a adolescência é caracterizada "como o período da vida humana entre a puberdade e a virilidade" (p. 39) No *Houaiss* encontramos que é "uma fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem à juventude e que começa após a puberdade" (p. 89). A adolescência assim poderia ser caracterizada como um não-lugar (AUGÉ, 1994) ou um entre-lugar, aspectos altamente significativos para avançar na busca da compreensão das dificuldades dos adultos em lidar com os adolescentes e destes com eles mesmos.

Saber que "laboratório", compreendido etimologicamente, é o lugar do *labor*, do trabalho; que "empreendedorismo" é um vocábulo que, apesar de usado e abusado no meio empresarial, não aparece em nenhum dos dicionários consultados; que no dicionário *Houaiss*, "empreendedor" é um substantivo cujo antônimo é "malandro", e

assim por diante, são aspectos que em muito contribuem para o pesquisador ir se assenhoreando do campo de pesquisa e se movimentando com familiaridade nas diversas dimensões e sentidos do seu objeto/tema de investigação.

Falcon (1986), dando-se conta da polissemia que envolve a palavra "iluminismo" e procurando distingui-la de "ilustração", afirma que "em tais situações, é comum recorrermos aos dicionários e enciclopédias para dirimir dúvidas" (p. 9). Sob o título: "O jogo das palavras: iluminismo ou ilustração?" e "A hora e a vez dos dicionários", o autor apresenta inúmeras definições extraídas desses 'interlocutores', a fim de avançar no seu trabalho com a segurança que o iluminismo/ilustração, agora mais ampla e claramente apreendidos, lhe propiciam.

De outra parte, o surgimento de dicionários temáticos - também chamados de especializados - tem se apresentado como uma ferramenta ou uma interlocução indispensável para cercar e aprofundar aspectos específicos da pesquisa que está sendo feita. "Quem escreve, como quem lê, diz Marques (2003), não pode ficar sem um bom dicionário (...) e há os especializados para quando o assunto exigir. É ele ponto de encontro, mediação do entendimento compartilhado". E para concluir, reforça:

Mais que isso, o dicionário amplia nosso vocabulário tão judiado por essa mania jornalística de escrever para qualquer um, como se cada leitor não fosse muito especial. Não podemos esquecer de que os sinônimos nunca o são senão em parte. Cada palavra tem lá seus segredinhos, suas finuras, teima em não se igualar nem que precise ficar à espera de sua vez (p. 28).

### **2.3 - Enciclopédias (átomos e bits)**

Ao explicitar a maneira pela qual pode ser abordada a noção de sistema educacional, Saviani (1987, p. 25) assim se expressa: "Após o exame que se fez

com o auxílio de diversos dicionários e enciclopédias, chegou-se à conclusão...". Em direção análoga vai Severino quando explicita que "os estudiosos encontram também nas grandes enciclopédias, nos dicionários especializados (...) informações bibliográficas para trabalhos de cunho científico" (1998, p. 77). E assim, os autores, os pesquisadores, sejam aqueles que estão se dedicando a pesquisar uma problemática específica, sejam aqueles que estão preocupados com questões de caráter metodológico, convergem na indicação desses meios para a consecução dos objetivos de quem tem a incumbência de pesquisar.

As enciclopédias, seja aquelas disponibilizadas em papel, em CD-ROM ou diretamente na rede, são meios de interlocução importantes para ajudar a contextualizar no tempo e no espaço autores, obras, doutrinas e outros aspectos do tema/assunto da pesquisa, bem como na definição de termos. Pelo seu caráter 'enciclopédico' esses meios se caracterizam pela visão superficial, horizontal no tratamento de determinado problema de investigação. Isto significa que são meios que devem ser relativizados, mas nem por isto deixados de lado como suportes para os pesquisadores. Muito pelo contrário, serão de muita valia quando explorados tendo presente as suas possibilidades e limites.

### **2.4 - Os manuais ('caminhos suaves')**

Sob a expressão "caminho suave", muitos neófitos foram e estão sendo introduzidos nos passos e na metodologia para serem aceitos entre os crentes da igreja católica ou para apropriar-se dos segredos da alfabetização. Manuais de catecismo e manuais de alfabetização eram apresentados como mediação para o iniciante percorrer 'suavemente' o caminho para adentrar ao conjunto dos iniciados e incluídos.

Existe uma categoria de publicações que poderiam ser encaixadas nessa denominação de caminhos suaves. As editoras colocaram e vêm colocando à disposição do grande público uma série de

coleções que buscam facilitar a compreensão de determinados temas, doutrinas, questões, autores que de outra forma seriam de difícil alcance ou assimilação, por serem raras ou pelo seu hermetismo. É um esforço que os autores fazem de vulgarização - no sentido etimológico do termo, isto é de tornar acessível ao vulgo, de popularizar - esses conteúdos.

Encaixam-se nessa categoria coleções, entre outras, como: "Tudo é história", "Encontro radical", "Qualé" e "Primeiros passos" (Brasiliense); "Princípios" (Ática); "Questões da nossa época" (Cortez); "Polêmicas do nosso tempo" (Cortez e Autores Associados) e "Educação e conhecimento" (Vozes). Compõem essas coleções obras em formato de livro de bolso (*pocket*), com um número mais reduzido de páginas em relação a outros livros, revestindo-se de um caráter de 'aperitivo', de iniciação. Particularmente as coleções da Brasiliense se apresentam com uma linguagem mais simples, visando 'fisgar' o leitor para aprofundar-se em outras obras. É por isto que, tanto nestas como nas obras das outras editoras, exige-se que os autores insiram comentários de obras afins e indicações de bibliografias complementares. Nesta perspectiva é que, complementarmente a outros meios, estas obras são importantes interlocutores para quem está se iniciando na pesquisa ou para quem está iniciando uma pesquisa sobre determinado assunto ou autor.

Para finalizar este item deve-se alertar para o fato de que, se de um lado, na academia, não se considera de bom tom utilizar obras dessa categoria como referência fundamental para teses e dissertações, de outro não se está autorizado a concluir que são superficiais ou que as escrever é tarefa para iniciantes. Tornar um assunto complexo acessível ou apresentar de forma simples um autor profícuo e hermético é das tarefas mais desafiadoras que se colocam para pesquisadores. Esta é uma mediação que muitos não conseguem e outros não se dispõem a fazer.

## 2.5 - Revistas científicas (das áreas afins)

Sem margem de dúvida, dentre o conjunto dos interlocutores, as revistas científicas colocam-se como pilares, suportes e ícones para sustentar e para os pesquisadores se basearem no processo de construção de uma tese ou dissertação. É esta a mediação para proceder aos imprescindíveis "estados da arte" de qualquer assunto/tema de pesquisa. É nesses meios de veiculação que os pesquisadores mais experientes disponibilizam seus achados, seus questionamentos, suas contribuições. É nelas que os pesquisadores iniciantes ou *seniores* encontrarão dados, pistas e interlocutores. Diferentemente dos livros - que são mais caros, supõem mais tempo de elaboração e demora para se tornarem acessíveis ao grande público e que nem sempre têm seu conteúdo submetido a *referees* -, as revistas comportam o que há de mais recente na área, processo e resultado de outras pesquisas e, principalmente, publicizado com o aval de arbitragem avalizada pela comunidade científica, aspecto este que gradativamente se torna mais explícito com a afirmação da *Qualis*, que é um processo de classificação das revistas.

Pensamos ser desnecessário avançar na argumentação a respeito deste interlocutor. Apenas reforçamos que uma pesquisa sem diálogo com a comunidade de pesquisadores, viabilizado pela mediação das revistas, é um trabalho que se reveste de vulnerabilidade.

## 2.6 - Comentadores de clássicos e os próprios clássicos

Os comentadores dos clássicos prestam um grande serviço a quem está se iniciando na pesquisa, uma vez que assumem a tarefa de tornar mais explícito e acessível quem é o autor, o conjunto da obra e o contexto histórico-geográfico no qual ela foi produzida. Muitas vezes a obra do clássico é de uma complexidade, em termos assunto e abordagem, de difícil acesso para um conjunto mais amplo de estudiosos. Outras vezes a di-

ficuldade situa-se no domínio do idioma no qual a obra original foi escrita. Enfim, uma série de questões estão envolvidas no contexto que torna necessária a mediação dos comentadores.

No entanto o acesso a estes não pode e não deve dispensar o pós-graduando de 'beber' na própria fonte, isto é, de ter acesso ao original. Muitas vezes o clássico é mais cristalino e vai mais direto ao ponto do que o próprio comentar. Pode-se questionar, por exemplo, quem poderia chegar a uma concisão maior do que E. Durkheim ao prescrever a objetividade e a neutralidade científicas que devem presidir um trabalho de pesquisa ao afirmar as regras do método sociológico: "Os fatos sociais devem ser tratados como coisas e os fenômenos como exteriores aos indivíduos" (DURKHEIM, 1978).

Para o caso de alguém ainda ter dúvidas a este respeito ou lhe faltem argumentos, a indicação é ler o livro *Por que ler os clássicos*, de Ítalo Calvino. Basta antecipar uma afirmação do autor segundo a qual "a escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão" (1994, p. 12).

### 2.7 - Os pares (especialistas ou ouvintes empáticos)

Orientador, colegas de curso (com quem se fala inclusive do orientador!), profissionais da saúde e familiares são interlocutores privilegiados no processo de autoria. Aqui falta espaço para abordar todas as facetas envolvidas nessa relação. Há as questões de ordem cognitiva, há as de ordem emocional e de outras ordens, todas interferindo diretamente no processo de elaboração, apresentação e defesa da tese e da dissertação. Ocorre que particularmente a exposição pela escrita, como apontado no início deste trabalho, é um grande teste em termos intelectuais, físicos e emocionais. Passar nesse teste é, também, uma demonstração de habilidade no estabelecimento dessas interlocuções. Para aprofundar-se neste quisto, indicamos parti-

cularmente os trabalhos de Warde (2002b), Freitas (2002) e Colucci (2002).

### 2.8 - A folha/tela em branco

Por mais que esse enfrentamento seja evitado ou postergado - pode-se sair para caminhar, arrumar a casa, descobrir que se adora preparar deliciosos pratos etc. - chega uma hora que não há como fugir... Impassível, a folha/tela em branco nos aguarda para o encontro marcado. É a hora de entender, na prática, o mix entre inspiração e transpiração!

## Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermo-dernidade*. São Paulo: Papirus, 1994

BRITO, José Domingos (Org.). *Por que escrevo?* São Paulo: Escrituras, 1999

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CEPAL. *América Latina e o Caribe na transição para a sociedade do conhecimento*. Agenda de políticas públicas. Documento preparado pela Secretaria da CEPAL para a Reunião Regional de Tecnologia da Informação para o Desenvolvimento. Florianópolis, Santa Catarina, 20 e 21 de junho de 2000

CHASSOT, Ático I. Orientação virtual: uma nova realidade. In: BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana M. N. (Org.). *A bússola do escrever. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2002

COLUCCI, Vera Lúcia. Impulsão para a escrita: o que Freud nos ensina sobre fazer uma tese. In: BIANCHETTI, Lucídio e MACHADO, Ana M. Netto (Orgs.). *A bússola do escrever. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2002

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O Nome da Rosa. As origens e o processo de criação de o livro mais vendido em 1984*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

De MEIS, Leopoldo et al. *The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout*. Brazilian Journal of Medical and Biological Research. Cf. [www.scielo.br/bjmb](http://www.scielo.br/bjmb). Acessado em 04/09/2003

EVANGELISTA, Olinda. Devem os alunos escrever: In: BIANCHETTI, Lucídio (Org.). *Trama e Texto. Leitura crítica. Escrita criativa*. 2 ed. São Paulo: Summus, 2002. V. I

FALCON, Francisco J. C. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1986

FREI BETTO. Por que escrevo? In: BIANCHETTI, Lucídio (Org.). *Trama e Texto. Leitura crítica. Escrita criativa*. 2 ed. São Paulo: Summus, 2002. V. II

FREITAS, Maria Ester. Viver a tese é preciso! In: BIANCHETTI, Lucídio e MACHADO, Ana M. Netto (Orgs.). *A bússola do escrever. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2002

HANDKE, Peter. *A tarde de um escritor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

KRAMER, Sonia. Pão e ouro - burocratizamos a nossa escrita? In: BIANCHETTI, Lucídio (Org.). *Trama e Texto. Leitura crítica. Escrita criativa*. 2 ed. São Paulo: Summus, 2002. V. I

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1995

MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso. O princípio da pesquisa*. 4 ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003

SAVIANI, Dermeval. *Educação brasileira. Estrutura e sistema*. 6 ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1987

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 20 ed. São Paulo: Autores Associados, 1996

SIMON, Herbert A. O computador-rei. In: PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial*. 2 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1993

WARDE, Mirian. Sobre orientar pesquisa em tempos de pesquisa administrada. In: BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana M. N. (Org.). *A bússola do escrever. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2002a

\_\_\_\_\_. O diário de bordo de uma orientadora de teses. In: BIANCHETTI, Lucídio (org.). *Trama e texto. Leitura crítica. Escrita criativa*. 2 ed. São Paulo: Summus, 2002b

### Lucídio Bianchetti

Pedagogo pela UPF/RS. Mestre em educação pela PUC/RJ. Doutor em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP. Ex-Coordenador do PPGE/CED/UFSC. Ex-vice-presidente da ANPED. Professor no PPGE/CED da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do CNPq.

Recebido em 30/09/2006

Aceito para publicação em 30/12/2006